

Passagens, móveis e projeções

A fotografia, que tem tantos usos narcisistas, é também um poderoso instrumento para despersonalizar nossa relação com o mundo; e os dois são complementares”

Susan Sontag

Olho a cidade brincando de perder-me para vê-la como uma desconhecida. Observo os contrastes de sua trama urbana, vejo pátios, janelas e portas gradeados, muros com cercas eletrificadas, casas, casebres, mansões, construções precárias, fábricas desativadas, lojas de móveis velhos ou antigos. Em minhas andanças gosto de recriar caminhos demarcando as ruas: próximas, conhecidas, distantes, impensadas, estranhas, calmas, movimentadas, escuras, arborizadas.

Nessas caminhadas focalizo detalhes dessas ruas e algumas vezes elejo lugares para fotografar ou para servirem de anteparo para projeção das imagens fotografadas. Procuro fixar alguns aspectos que me intrigam – edificações velhas, fábricas e construções abandonadas, guaritas paraseguranças, lojas de móveis antigos. De tudo o que registro me interesso de maneira especial pelas construções que indicam decadências e desocupações, isto por que de certa forma elas indicam cacos de histórias locais, que ancorados em um outro tempo ainda resistem provocando

intervalos temporais na cidade. Pode-se vê-los, também, como espaços de indeterminação que mostram um curso da vida do lugar, sua falência e abandono.

Passo muitas vezes por um lugar até decidir fotografá-lo. Como os demais objetos do mundo, os lugares quando fotografados perdem suas dimensões, seu ar, seu som, achata-se e perdem a referência do contexto, desencarnados tornam-se imagens. Registros instantâneos de instantes fugidios que procedem de “uma espécie de estética do desaparecimento e do apagamento, que vai com força contra essa concepção difundida demais segundo a qual a fotografia seria o ápice do real” (Dubois, 1993, p.247) ou como afirma Baudrillard “o vestígio deixado pela desaparição de todo o resto” (1997, p.35). Neste meu processo de trabalho com as fotografias existem longos períodos entre as obtenções e seu destino como projeção, edito-as e elas ficam em um *limbo*, esperando. Eu necessito de tempo para apreender as fotografias obtidas, esquecer o lugar e encontrá-lo como imagem, observar os seus detalhes, me surpreender com eles. De fato o que ocorre é: deposito-as entre tantas outras imagens em minhas caixas de slides, ou nas pastas de arquivos digitais, que não possuem uma classificação precisa, para depois procurar, rever e re-editar antes de realizar as projeções. São o registro do meu jogo com a caixa preta, atestados de uma relação de presença e ausências.

Em janeiro de 2005 iniciei, simultaneamente, duas séries de registros fotográficos – uma focalizando os espaços internos de algumas lojas de móveis usados e a outra fotografando meu reflexo diante

do espelho. Os arquivos de imagens ficaram guardados durante meses, isto é o que ocorre todas as vezes que inicio um trabalho novo. Em outubro do mesmo ano quando fui produzir o trabalho para a V Bienal de Artes Visuais do Mercosul decidi abrir os arquivos e realizei alguns esboços para a criação de um vídeo.

1.1 A edição de passagens entre os móveis e o retrato no espelho

A edição em vídeo é um trabalho com o tempo, muitas vezes cria-se ritmos a partir de fragmentos temporais pré-existentes, nesse caso no processo de edição tratou-se de criar uma seqüência rítmica a partir de imagens estáticas. Todas as imagens foram capturadas em fotografia digital. Antes de editar fiz alguns esboços em um programa para desenvolvimento de apresentação de slides, foi possível, então, classificar e editar as imagens das lojas de móveis que seriam usadas e verificar que o meu retrato destacava-se diante do conjunto provocando cortes brutos nas seqüências. Por isso depois realizei fusões entre seis auto-retratos diante do espelho e fotografias de interiores de lojas de móveis. O conjunto final de imagens disponíveis para edição em vídeo era composto por essas seis imagens e mais uma dúzia de cenas com os referidos espaços. A edição foi feita da seguinte maneira: primeiro - uma seqüência de obtenções fotográficas usando a fusão como transição; segundo - uma nova fusão dessa seqüência sobre ela mesma; terceiro - uma fusão entre a seqüência resultante e a

primeira invertida.

O ritmo é dado pelo tempo das transições. O resultado é um vídeo composto por passagens de uma cena a outra. Não há desenvolvimento de acontecimentos narrativos, apenas trânsitos. A impressão final é de que uma seqüência de imagens está sendo projetada sobre ela mesma.

1.2 As projeções nos espaços da Fundação Iberê Camargo.

Quando fui convidada para participar da Revista Lugares, imediatamente pensei em criar um trabalho a partir do vídeo que descrevi acima. Fiquei pensando em como aproximar o dos meus procedimentos com as projeções no espaço urbano. Inicialmente pensei em projetá-lo em diferentes espaços na cidade ou projetar outras imagens que tenho em meus arquivos (como fotografias de ruínas), por fim, escolhi projetar as fotografias dos espaços internos das lojas de móveis antigos (que foram transpostas pra slides) sobre os espaços internos da Fundação: primeiro no ateliê de gravura de Iberê Camargo e depois na sede do museu que ainda está em construção.

Bibliografia citada

- BAUDRILLARD, Jean. *A arte da desaparição*. Coleção N-imagem. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Núcleo de tecnologia da Imagem, 1997.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1994.
- SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Elaine Tedesco

2006